

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CENAS DE INFÂNCIA

LAIS RIBEIRO SOLER¹; MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE²

¹Universidade Federal de Pelotas – laisrsoler@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maianeho@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O movimento de vir a ser proporcionado pela prática durante o curso de Pedagogia, possibilitada através de propostas pedagógicas em algumas disciplinas, nos permite observar brevemente os cenários das escolas para a infância e refletir a influência das concepções que o professor possui sobre o objeto de sua atuação, a criança, têm sob sua prática.

As oportunidades para essa observação acontecem em diferentes tempos e atividades. Em uma destas situações, em uma escola de educação infantil, foi oferecido por meu grupo de trabalho a uma turma de berçário com cerca de quinze bebês e crianças bem pequenas de um a dois anos uma instalação em formato de cabana, com diferentes tipos de materiais de diversas texturas e formatos. Ainda que a pretensão inicial fosse de observar a interação das crianças com o material, a intervenção de uma professora presente no ambiente, tentando mostrar a forma de interação que considerava correta aos bebês e crianças pequenas ali presentes foi o que me provocou naquele momento. Ao tentar chamar a atenção deles para o interior da estrutura, os incentivava a atravessá-la, desconsiderando o exterior da instalação e suas possibilidades. Pude problematizar, a partir desta vivência, se a professora os concebia enquanto sujeitos que, dentro das suas peculiaridades, estavam explorando o ambiente em que estão presentes; ou ainda, se poderia ter ela uma visão negativada sobre eles, compreendendo-os enquanto sujeitos que precisam ser ensinados a explorar seu entorno?

Ainda que a cena acima descrita não forneça suficientes subsídios para avaliar a prática docente desenvolvida naquele ambiente, ela nos propicia a reflexão sobre como são concebidos os sujeitos alvo da atuação pedagógica dos docentes envolvidos em uma escola de educação infantil e como esta concepção influencia na prática cotidiana escolar.

Para promover esta reflexão embasada teoricamente, este presente trabalho tem o objetivo de problematizar como a concepção de criança pode influenciar a prática dos profissionais atuantes na escola para a infância. Este estudo é resultado das pesquisas realizadas em um projeto de iniciação científica que foi financiado pelo CNPq, no âmbito do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir de revisão de literatura, tendo como embasamento teórico nas contribuições de Sarmento (2005), Benjamin (2002), Oliveira (2002), Gouvêa (2011) e Larrosa (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática docente na escola para a infância tem enquanto objeto de sua atuação a criança, um Outro que possui características próprias de sua geração, que, com suas peculiaridades, se relaciona com seus pares e com os adultos também presentes neste ambiente. É um Outro que está explorando seu entorno através das sensações em descoberta, com um corpo que está se desenvolvendo espiritual, físico, social, cognitivo e esteticamente. E que, apesar de suas peculiaridades e o fato de estar em ativo desenvolvimento, é um sujeito histórico, que pertence a um determinado contexto social e cultural e que age sobre a sociedade a qual pertence.

Baseado nas postulações da Sociologia da Infância, Sarmento (2014) apresenta a criança enquanto ator que integra a categoria social do tipo geracional Infância. Para o autor, a “infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade” (SARMENTO, 2014, p. 365). Este processo tenso e contraditório não se esgota em si mesmo, mas é constantemente “actualizado na prática social, nas interacções entre crianças e nas interacções entre crianças e adultos” (SARMENTO, 2014, p. 365).

Ainda sobre o pertencimento destes atores enquanto integrantes ativos da sociedade, Corsaro (2011) defende as crianças enquanto “agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”. (CORSARO, 2011, p.15)

Para Corsaro (2011), a compreensão destas enquanto agentes sociais perpassa pela concepção da categoria social à qual pertencem. O autor, em consonância com as perspectivas defendidas por Sarmento (2014), acredita que a dificuldade do reconhecimento da infância enquanto forma estrutural se deve ao senso comum desta como “um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade” (CORSARO, 2011, p. 15-16)

Embora agentes sociais, a construção histórica da infância é constituída por prescrições e interdições. Nos tempos modernos, houve ainda sua separação com o mundo dos adultos, com a consequente institucionalização. Este processo “promoveu, progressivamente, um conjunto de exclusões das crianças do espaço-tempo da vida em sociedade” (SARMENTO, 2011, p. 368).

Este processo de institucionalização marcado, portanto, pela “ideia da menoridade” (SARMENTO, 2011, p.368) trata da própria escolarização, cada vez mais precoce em razão das demandas do trabalho moderno. Como poderia, portanto, o professor tornar reconhecida em suas práticas a condição do objeto de sua atuação um sujeito sócio-histórico e cultural, em um ambiente marcado por esta negatividade?

O reconhecimento da infância enquanto categoria estruturante permite compreender sua alteridade em relação aos outros grupos que com ela coexistem, ou seja, compreender o que a diferencia e a define. De acordo com Sarmento, compreender a alteridade da infância é estudar as condições e características que a diferenciam enquanto grupo geracional, pois, ao circunscrevê-la enquanto objeto teórico, são construídas as condições de suas especificidades (2005, p. 372-373).

Nesta perspectiva, Prado (2013, p. 253) apresenta que a alteridade da infância pode ser “observada nas relações entre as crianças de idades iguais e diferentes, enraizada na sociedade e em sua lógica, nas políticas públicas, nas propostas educativas e, fundamentalmente, nas relações inter e intrageracionais” (2013, p. 253).

Pensando as crianças enquanto sujeitos situados social e historicamente, Oliveira defende a necessidade de se adotar uma proposta pedagógica para as escolas de Educação Infantil que considere a “atividade educativa como ação intencional orientada para a ampliação do universo cultura das crianças, de modo que lhes sejam dadas as condições para compreender os fatos e os eventos da realidade”. (2011, p. 48-49). Esta ação educativa deve ter como princípio a interpretação dos interesses e saberes já construídos pelas crianças, além de “buscar ampliar o ambiente simbólico que estão sujeitas” (OLIVEIRA, 2011, p. 49).

Gusmão (1999, p. 50) destaca a preocupação do que denomina de “novas pedagogias”, ao tentarem resgatar a infância como geração que tem características próprias, cujos atores produzem cultura, em uma atualidade conflitiva. “Busca-se, por esses novos caminhos, o outro que a criança representa, sua voz, sua especificidade tomando-as, agora, como seres significantes que atuam em um mundo compartilhado e dinâmico” (GUSMÃO, 1999, p. 50).

4. CONCLUSÕES

O desfecho da imagem apresentada no início deste trabalho foi, de certa forma, inesperado aos olhares inexperientes, em especial com esta faixa etária. Independente da intervenção e das tentativas da professora, as crianças demonstraram sua própria maneira de explorar os materiais do suporte para elas disponibilizado: elas puxavam fitas de cetim, exploravam as diferentes sonoridades de cada material, observavam a alternância de cores proporcionada pelo papel celofane e deslizavam a mão pelas partes felpudas adicionadas à estrutura. À sua própria maneira, se manifestaram ali como atores que interagem com o espaço que os cerca e com os materiais que nele estão disponíveis, indo assim para além das expectativas demonstradas pela professora e de meu grupo que realizava a observação.

A reflexão proporcionada por esta experiência não só demonstrou a importância de vivências diversificadas durante o processo de formação inicial docente, mas também a da construção das concepções de infância de um professor e como estas podem influenciar sua prática cotidiana na escola.

Quando os profissionais que atuam na escola para a infância compreendem esta enquanto parte da sociedade, sua prática permite aos atores desta categoria geracional, as crianças, serem reconhecidas enquanto sujeitos sócio-históricos, que estão inseridos dentro de um contexto e uma cultura e enquanto produtores de cultura. Esta concepção contempla, portanto, uma prática que não as negativize e reconheça sua alteridade em relação aos outros sujeitos com os quais se relaciona.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades, 2002. 176 p.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/2444/1898>>. Acesso em 29 de jun. 2019.

GUSMAO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 41-78, jul. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015741999000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez. 2011.

OLIVEIRA, A. M. R.. Entender o Outro (...) exige mais quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da Educação Infantil. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPED**, 2002, Caxambu. Educação: Manifestos, Lutas e Utopias. Disponível em <25reuniao.anped.org.br/alessandrarottaoliveirat07.rtf>. Acesso em 18 abr. 2019.

PRADO, Patrícia Dias. Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande. **Pro-Posições**. Campinas, v. 24, n. 1, p. 139-157, Abr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072013000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2019.